Opinião Socialista

PSTU

Ano XIII - Edição 370 - Colaboração: R$ 2 - De 19 a 25/03/2009 - www.pstu.org.br

A HORA DO TROCO

No dia 30 os trabalhadores vão à luta pela reestatização da Embraer e contra demissões e redução de direitos

Páginas 8 e 9

DELEGADO PROTÓGENES É PERSEGUIDO POR INVESTIGAR PODEROSOS

Página 5

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: CONLUTAS TEM VITÓRIA HISTÓRICA EM METALÚRGICOS

Páginas 6 e 7

CORREIO INTERNACIONAL: A EUROPA EM EBULIÇÃO

Páginas 11 a 15

É GUERRA I – Pesquisa da CNI mostra que os patrões vão demitir mais - 54% dos 431 empresários entrevistados responderam que demitiram empregados ou suspenderam serviços terceirizados.

PÁGINA DOIS

É GUERRA II – Na mesma pesquisa, mais da metade (53%) disse que suspendeu contratações planejadas, 32% informou que deu férias coletivas e 27% adotou o banco de horas.

SIMPSONS PERDEM A CASA

Em um de seus episódios mais recentes, a casa dos Simpsons é tomada pelo banco. A família recebe uma carta, com a revisão dos números de sua hipoteca. De frente para o computador, o gerente calcula e apresenta o valor, astronômico e impossível de ser pago. Os Simpsons então perdem a casa, vendida em um leilão. O episódio é uma paródia do que está acontecendo nos EUA, após a chamada crise dos "subprime". A bolha da especulação imobiliária estourou e quem está pagando a conta são as famílias de trabalhadores norte-americanos, que perdem suas casas. Apenas em janeiro deste ano 275 mil casas foram tomadas pelos bancos.

Tradução: leilão da casa hoje

PÉROLA

"Na Embraer não houve proposta de redução da jornada, férias, nada. Esse foi o problema."

ARTUR HENRIQUE, presidente da CUT. Para ele, o problema maior não são as demissões, mas o fato de a Embraer não ter "negociado", a redução de salário e direitos. Em tempo: Artur soube antes das demissões e não avisou aos trabalhadores. (Istoé Dinheiro)

CHARGE / AMÂNCIO

ACOBERTANDO

O juiz da 17ª Vara Federal de Brasília Moacir Ferreira Ramos absolveu integrantes do governo FHC de acusações de terem privilegiado o banco Opportunity e outras empresas no leilão de venda da Telebrás, que ocorreu em 1998. O Ministério Público Federal tinha proposto a ação de improbidade administrativa na qual questionava a legalidade da operação que resultou na privatização do sistema Telebrás. O juiz alegou falta de provas e disse que o atual governo do PT poderia ter colaborado com a investigação "para que fosse feita, a fundo, a investigação dessas denúncias". É o PT acobertando a velha sujeira tucana.

NA MARRA

Os trabalhadores de uma fábrica da Sony no sudoeste da França obrigaram executivos da companhia a negociar as demissões previstas para abril. O presidente da empresa e outros executivos foram detidos pelos furiosos funcionários e tiveram que passaram a noite em uma sala de reuniões. Essa foi a única solução encontrada, pois os diretores da empresa se negavam a ouvir seus empregados. A empresa havia anunciado em dezembro o fechamento da fábrica. Mas a a reunião realizada a contragosto da chefia decidiu que os trabalhadores terão direito a uma nova rodada de negociações para definir as indenizações.

SAPATOS NELES

O jornalista iraquiano que virou herói no mundo inteiro ao atirar seus sapatos no então presidente norte-americano George W. Bush foi condenado no dia 12 a nada menos que três anos de prisão. Muntada al Zaidi interrompeu uma entrevista coletiva que Bush concedia no Iraque no dia 14 de dezembro, aos gritos de "esse é o seu beijo de despedida, cachorro", enquanto atirava seus sapatos num atônito presidente. O jornalista foi ovacionado pelo público ao chegar ao tribunal. Pesquisas realizadas por várias redes de TV mostram que 62% dos iraquianos o consideram um "herói". Os advogados do jornalista vão recorrer da decisão.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: ____________
CPF: ____________
ENDEREÇO: ____________
BAIRRO: ____________
CIDADE: ________ UF: ____ CEP: ________
TELEFONE: ________ E-MAIL: ________

○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO PSTU EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ BANRISUL ○ BESC ○ BANESPA
○ CEF AG. ________ CONTA ________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ________

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$ ____	☐ SOLIDÁRIA: R$ ____	☐ SOLIDÁRIA: R$ ____

FORMA DE PAGAMENTO

☐ CHEQUE *
☐ CARTÃO VISA Nº ________ VAL. ________
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. ________ CONTA ________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ________
☐ BOLETO

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues e Victor Pontes **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823, (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA
SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ
FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126

MARANHÃO
SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736

PARÁ
BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utinga - (91) 3276-4432

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ
CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo à Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ
TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO
SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

Veja todas as sedes em www.pstu.org.br

RESPOSTA À CRISE

DIEGO CRUZ

Neste final de verão, a temperatura do país começa a aumentar. Não, não estamos falando do calor que segue reinando, mas da temperatura política.

Em primeiro lugar, a divulgação dos números da economia desmontou o discurso oficial de que "o pior já passou". A queda de 3,6% do PIB no quarto trimestre significa uma retração anual de 13,6%, algo próximo da depressão. A queda continua neste trimestre, já confirmando a recessão que o governo quer esconder. É a tradução em números da realidade que todo trabalhador já está enfrentando com praticamente um milhão de empregos a menos no país desde o início da crise.

Em segundo lugar, e mais importante, é o chamado conjunto a um dia nacional de mobilizações e paralisações contra as demissões em 30 de março. Trata-se simplesmente da primeira mobilização nacional dos trabalhadores em resposta à crise. Diante do agravamento do quadro econômico, será realizado um dia unificado de lutas, convocado pelas mais importantes centrais do movimento, incluindo CUT, Força Sindical, CTB, Conlutas, Intersindical e MST.

A direção da CUT, que busca isolar a Conlutas, não conseguiu evitar a realização de um dia unificado de lutas. Vai tentar agora (com ajuda da CTB e da Força Sindical) descaracterizar essa mobilização, para evitar que ela se choque com o governo.

Lula, por sua vez, busca seguir flutuando nas nuvens sem se deixar respingar pela realidade da crise. A reunião com Obama terminou com promessas vagas de que os dois defendem a reforma no sistema financeiro internacional (sem clarificar como), sem nenhuma decisão de importância. Lula não foi reivindicar nada, foi apenas aumentar seu prestígio político se identificando com o novo presidente dos EUA. Para Obama, o significado era o mesmo.

Lula apoiou o questionamento de Obama sobre os bônus para os executivos da AIG, a seguradora salva da falência com dinheiro público. Mas não fala nada da Embraer, que concedeu 50 milhões aos seus executivos, mesmo demitindo 4.270 operários. Lula teria poder de veto sobre esta medida, mas não faz nada para não se chocar com a burguesia.

A mobilização de 30 de março deve ser um compromisso de todos aqueles que estão ligados com a luta dos trabalhadores. Os dirigentes sindicais e de entidades populares e estudantis devem estar na linha de frente da mobilização. Lembramos que a unidade de ação ajuda na mobilização por dar mais segurança às bases para as lutas. Nesse sentido, a unidade na marcação da data é um avanço importante.

A Conlutas está se fortalecendo, como se demonstra na luta da Embraer e no resultado das eleições entre os metalúrgicos de São José dos Campos. Será importantíssima a sua participação na mobilização do dia 30 não só para mover os sindicatos e entidades, mas também para dar um perfil de oposição política a essa mobilização. Trata-se de uma unidade na ação contra as demissões com a CUT e a Força Sindical, mas também de uma luta política com o projeto dessas centrais. Eles querem mais dinheiro para as empresas, desculpam o governo de qualquer responsabilidade e aceitam negociar direitos trabalhistas e redução de salários.

A Conlutas quer uma mobilização que se enfrente com os patrões e também com o governo. Vai exigir de Lula:

-NEM DEMISSÕES NEM REDUÇÃO DE DIREITOS, ESTABILIDADE NO EMPREGO JÁ!
-REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO SEM REDUÇÃO SALARIAL
-REINTEGRAÇÃO DOS DEMITIDOS DA EMBRAER E REESTATIZAÇÃO IMEDIATA DA EMPRESA

Está na hora de todos os sindicatos e entidades do movimento colocarem no centro de sua atividade a preparação da mobilização de 30 de março, que pode marcar um novo momento da luta contra as demissões no país.

ACONTECEU nos 15 anos

NOTÍCIAS QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA DO PARTIDO *FATOS DE 12 A 18 DE MARÇO*

1994

A GREVE ABANDONADA

A CUT convocou uma greve geral para 23 de março contra o plano FHC 2, que criava a nova moeda, o real, mas atacava salários. "A estabilização da economia significa introduzir no Brasil preços da Suíça com salários de Paquistão", afirmava o editorial do Jornal do PSTU 9, que antecedeu o Opinião Socialista.

A greve acabou desmarcada pela CUT, um dia antes. Ainda assim, milhares protestaram, como petroleiros e metalúrgicos, cuja passeata parou a Via Anchieta, no ABC.

2003

COMEÇA A INVASÃO DO IRAQUE

Na noite de 20 de março, Bagdá foi bombardeada implacavelmente na operação "Choque e pavor". Semanas antes, o dirigente do PSTU Dirceu Travesso esteve em Londres, na reunião da coalizão "Parem a Guerra". Ele falou ao Opinião Socialista 196 sobre o calendário, que incluía greves, ocupações e uma passeata na Casa Branca. "Agora cada dia é crucial para impedir a guerra", afirmou Travesso.

Em 15 de fevereiro, milhões haviam protestado em uma ação unitária contra a invasão, um dos maiores atos da história. Só na Espanha, três milhões foram às ruas.

ARGENTINA

À beira da crise revolucionária

Alejandro Iturbe, de Buenos Aires

2001

O COMEÇO DO ARGENTINAZO

Artigo de Alejandro Iturbe mostrou o avanço da crise na Argentina. "O país já completou 30 meses de recessão", contou. No dia 20 de março, caiu o ministro da Economia, Lopez Murphy. O presidente De La Rúa tentou montar um gabinete de salvação nacional e nomeou Cavallo como ministro. As ruas pegaram fogo, com atos e protestos. Uma greve geral ocorreria no dia 21. O artigo do Opinião 112 narra o surgimento de comitês, grupos e novos ativistas no movimento operário. Mais tarde, nos últimos dias de 2001, os argentinos ocupariam praças com panelas. De La Rúa será o primeiro presidente a cair e, com ele, o mito dos planos de ajuste do FMI.

Pérola do passado

"Pela primeira vez na história do Brasil, não são os mais pobres que vão pagar pela crise."

Ruth Cardoso, esposa de FHC, sobre as ações sociais para deter o impacto da crise na economia (de 1999). Ao contrário do que se pensa, não é de Lula o jargão "a primeira vez na história deste país". (Folha de S. Paulo – 14/3/1999, no Opinião 72).

LUCAS LACAZ

MORADORES DO PINHEIRINHO VIVEM DIAS DE TERROR

POLICIAIS MILITARES E SOLDADOS DO EXÉRCITO cercam ocupação de sem-teto em São José dos Campos (SP), invadem casas, revistam e agridem moradores

O cerco aos moradores

***GUSTAVO SIXEL**, da redação*

Na noite do dia 8 de março, bandidos roubaram sete fuzis no 6º Batalhão do Exército, em Caçapava, no Vale do Paraíba. A resposta dos militares e das autoridades foi a de sempre. Ocuparam uma favela na cidade e mantiveram um cerco sobre três bairros pobres de São José dos Campos, a 20 quilômetros dali, até o dia 12. Entre eles, o acampamento Pinheirinho, na zona sul da cidade, com mais de duas mil famílias.

Oito caminhões do Exército chegaram à comunidade levando cerca de 90 soldados, vindos de Osasco. Armados com fuzis, o grupo percorria as ruas da ocupação com motos e revistava todos que entravam e saíam. No alto, dois helicópteros sobrevoavam a área, e um deles realizava rasantes sobre os moradores. Do lado de fora, a Polícia Militar dava cobertura à operação.

A polícia invadiu moradias e agrediu um senhor dentro de sua própria casa. A revista ostensiva não respeitava as mochilas das crianças que iam para a escola. Todos eram tratados como bandidos. *"Eu fui revistado 27 vezes em um mesmo dia. Muitas vezes, eram os mesmos soldados que tinham acabado de parar meu carro"*, disse Marrom, uma das lideranças da ocupação e do Must (Movimento Urbano de Trabalhadores Sem Teto).

No dia 10, além do cerco e das ações militares, os moradores assistiram a uma "invasão" do Garra, grupo especial da PM. Segundo testemunhas, a operação aconteceu a pedido da imprensa, já que as TVs da região não haviam filmado os invasores em ação.

Após dezenas de incursões e de um cerco permanente, nada foi achado. Só no dia 15 a polícia de Guararema, cidade próxima, localizou peças dos sete fuzis roubados num terreno baldio.

ABAIXO A CRIMINALIZAÇÃO

A operação militar tratou o movimento sem teto como formado por bandidos. A ocupação do Pinheirinho fez com que Marrom recordasse do Haiti, país que visitou em 2007, numa caravana da Conlutas. *"Cheguei ao Pinheirinho e vi todos aqueles homens fardados. Imediatamente me veio a lembrança do que vimos no Haiti. De como os soldados tratam os negros haitianos nas favelas da capital"*.

Os moradores mantêm-se mobilizados, já que, a qualquer momento, a ocupação pode voltar a ser alvo das forças de repressão.

OCUPAÇÃO DO PINHEIRINHO COMEMORA CINCO ANOS

No dia 28 de fevereiro, a ocupação do Pinheirinho comemorou mais um ano de existência. São cinco anos de muita luta e resistência por moradia e condições dignas de vida. A comemoração reuniu cerca de 300 pessoas, entre ativistas e dirigentes de várias categorias. Houve também uma apresentação da peça Foices, Facões e Fuzis, do grupo de teatro Trabalhadores da Arte. Nos anos anteriores, o tradicional bolo aumentava um metro com cada ano completado pela ocupação. Neste ano, porém, teve apenas meio metro, simbolizando a crise econômica.

RODOVIÁRIOS DO AMAPÁ GARANTEM PRIMEIRA VITÓRIA CONTRA EMPRESÁRIOS

***ANA CARDOSO**, de Macapá (AP)*

Na manhã do dia 11, em audiência no Tribunal Regional da 8ª Região, em processo movido pelo sindicato patronal, os advogados dos empresários decidiram retirar o pedido de demissão por justa causa contra dois dos nove diretores sindicais demitidos.

Os pedidos de demissão foram ajuizados há cerca de três meses. Os dois diretores foram afastados por não aceitarem as injustiças cometidas pelos empresários, como cobranças abusivas de peças dos carros velhos que transitam na capital, tentativa de exterminar fisicamente o presidente do sindicato, Joinville Frota, aumento da jornada de trabalho e demissões em larga escala.

A recondução dos dois diretores é parte da vitória da Campanha Nacional contra a Criminalização dos Movimentos Sociais. Isso fortalece muito a continuação da mobilização pela reintegração do restante dos companheiros demitidos.

O clima na base é de muita confiança e disposição de luta, uma vez que se aproximam também as eleições para a nova gestão do sindicato, em abril. Apesar de uma chapa se apresentar com o discurso de alternativa independente, nada tira o brilho dessa vitória. Esse setor, dito independente, é o mesmo que surgiu da tentativa desesperada dos empresários de retomar o controle da entidade e que forçou a criação de uma comissão de conciliação na maior empresa do sistema.

O próximo passo é a vitória final, com a volta do conjunto dos diretores e cipeiros de luta que estão afastados e a imposição de uma jornada de mobilizações que não deixe a conta da crise cair sobre os trabalhadores.

CONSTRUÇÃO CIVIL

CAMPANHA SALARIAL EM FORTALEZA ENFRENTA BANCO DE HORAS

***GIAMBATISTA BRITO**, de Fortaleza (CE)*

Os trabalhadores da construção civil de Fortaleza estão em campanha salarial desde dezembro de 2008. Mesmo com a campanha ainda em curso, a primeira vitória, mesmo que parcial, já foi conseguida.

Os empresários apresentaram ainda nas primeiras rodadas de negociação um conjunto de medidas que podem ser consideradas como um verdadeiro programa patronal para enfrentar a crise que avizinha no setor. Entre essas medidas estava a implantação de uma câmara de compensação de horas – para ser mais claro, banco de horas.

Essa não é a primeira vez que os empresários da construção civil de Fortaleza tentam implementar o banco de horas. Como era de se esperar, foi só o tema voltar à tona para que um verdadeiro clima de guerra se instalasse entre os operários.

Em 26 de fevereiro, uma assembleia com mais de mil operários mandou o recado aos patrões: ou o banco de horas sai das negociações ou mais uma vez vai haver greve. No dia 5 de março, em torno de 700 operários atrasaram em duas horas a saída dos ônibus do "ponto de apoio" para diversas obras espalhadas na cidade. No dia 12, mais de mil trabalhadores de oito canteiros paralisaram por mais duas horas suas atividades.

Na última rodada de negociação, o banco de horas caiu fora da mesa de negociação, sendo substituído pela manobra do "contrato a tempo parcial". Essa já é uma primeira vitória, mas não é possível baixar a guarda.

LUTA NÃO TERMINOU

Segue a batalha para tirar da pauta os ataques dos empresários, permitindo aos trabalhadores retomar o debate sobre aumento real de salários, jornada de trabalho, participação nos lucros e resultados, entre tantos outros assuntos.

O PSTU, junto com a Conlutas, esteve presente em todas as atividades da categoria e prestará todo o apoio possível e necessário à luta dos trabalhadores da construção civil, apontando a necessidade da unificação das lutas e construindo um grande dia de luta e paralisação em 30 de março.

TENEBROSA OPERAÇÃO SALVA CORRUPTOS

DA REDAÇÃO

Ganharam destaque novamente as investigações policiais conduzidas pelo delegado da Polícia Federal Protógenes Queiroz. Recentemente, a revista Veja publicou a reportagem "A tenebrosa máquina de espionagem do Dr. Protógenes", em que chovem acusações sobre um suposto esquema de espionagem que teria sido montado pelo delegado.

Segundo a revista, com a ajuda de funcionários da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Protógenes teria investigado ilegalmente a vida de "peixes graúdos" do cenário político brasileiro. Na lista estariam o presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, o ex-ministro José Dirceu, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o chefe de gabinete da Presidência da República, Gilberto Carvalho, o ministro de Assuntos Estratégicos, Mangabeira Unger, os senadores do DEM Heráclito Fortes (PI) e Antonio Carlos Magalhães Júnior (BA) e o governador de São Paulo, José Serra (PSDB).

De acordo com Veja, as informações teriam sido extraídas de um computador pessoal de Protógenes e poderiam ser usadas como ameaça para "constranger autoridades".

A matéria da revista é a mais nova tentativa da grande mídia de desmoralizar o delegado Protógenes. A perseguição começou depois que ele conduziu a Operação Satiagraha, iniciada no dia 8 de julho do ano passado e que resultou na prisão do banqueiro corrupto Daniel Dantas, do ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta e do megaespeculador Naji Nahas. Desde então, juristas, políticos e jornalistas se uniram numa campanha para preservar os corruptos que o delegado ousou investigar.

MEXENDO EM VESPEIRO

A investigação da Satiagraha chegou a gravar uma tentativa de suborno realizada por assessores de Dantas a investigadores da Polícia Federal. Na gravação, um dos assessores diz que o banqueiro *"tem um trânsito ferrado no Supremo"* e que *"lá em cima ele segura"*. Na época, Dantas foi preso duas vezes por determinação do juiz federal Fausto de Sanctis e também liberado nas duas ocasiões por Gilmar Mendes.

Mas o presidente do STF não ficou satisfeito com a soltura de Dantas. Ele ainda tentou retaliar o juiz Fausto de Sanctis com denúncias na Corregedoria da Justiça Federal, numa clara demonstração de pressão sobre o juiz.

Daniel Dantas é um dos maiores corruptores da República. A lista dos crimes do banqueiro, segundo a investigação da Polícia Federal, é imensa. Ele é acusado de corrupção ativa, evasão de divisas, uso indevido de informações privilegiadas, gestão fraudulenta, empréstimos vedados, lavagem de dinheiro, trafico de influência e formação de quadrilha, entre muitos outros crimes.

O banqueiro sempre atuou nos bastidores de todos os governos, de Collor a Lula. No comando do banco Opportunity, Dantas se tornaria um dos barões das privatizações realizadas por Fernando Henrique. Sob o governo Lula, foi acusado de ser um dos grandes financiadores do mensalão petista, conforme revelado na CPI dos Correios. Outra marca da trajetória do banqueiro é sua presença no seleto e poderoso grupo dos financiadores privados de campanhas eleitorais. Praticamente todos os grandes partidos receberam dinheiro de Dantas.

Mas não foram suficientes as investigações, que mostraram fortes indícios das maracutaias de Dantas, tampouco as gravações da tentativa de subornar os investigadores. Após a divulgação da Satiagraha, o delegado Protógenes foi afastado do inquérito, numa clara tentativa de fragilizar a continuidade das investigações.

Quase todas as semanas o delegado é acusado de representar uma ameaça ao "estado de direito" ou de querer impor um "estado policial" no país. Acusações que são repetidas por toda a grande imprensa. De investigador, Protógenes passou a investigado. Em seguida, uma CPI foi criada no Congresso para investigá-lo e fazer de tudo para incriminá-lo. No dia 1º de abril, Protógenes irá depor na comissão. Enquanto isso, Dantas continua livre e segue sua rotina de negócios escusos.

O ERRO DE PROTÓGENES

O erro do delegado não foi ter investigado importantes figurões e notórios corruptos. Ele falhou ao acreditar que seria possível enfrentá-los com o aparelho do Estado e sua Justiça. Na justiça burguesa, nem todos são iguais perante a lei. A justiça tem lado, o daqueles que têm muito dinheiro e são poderosos. Mesmo que um empresário corrupto fosse preso, ele teria como contratar advogados que utilizam todas as inúmeras brechas da lei para atrasar ou impedir os julgamentos. Ou simplesmente comprar os juízes e jurados de um caso para serem absolvidos.

A Justiça atual é parte de um Estado que serve à dominação da grande burguesia. Na Justiça dos ricos, o aparato repressivo do Estado (inclusive a própria Polícia Federal) é utilizado para espionar e reprimir os movimentos sociais. Muitas vezes a PF e a Abin monitoram as mobilizações dos trabalhadores no país, ocupações de terras e de terrenos e prédios urbanos.

Nesses casos, os grampos telefônicos são utilizados para criminalizar os movimentos e ninguém fala em ameaça ao "estado de direito" ou de "estado policial". Esse tipo de espionagem é uma prática constante e foi confirmada até pelo presidente da Associação dos Servidores da Abin, Nery Kluwe de Aguiar Filho. "Quando se reúnem três sindicalistas e dois líderes do MST para iniciar uma marcha, o GSI aciona a Abin para acompanhar isso. Somos obrigados até a procurar boi no pasto e a vigiar invasão de estudante em reitoria", disse o agente em uma entrevista à Folha de S. Paulo em setembro de 2008.

Para os pobres e lutadores, a punição é implacável. Para os ricos, sempre há um jeitinho de livrar a cara de políticos corruptos, empresários e endinheirados. Talvez seja isso que Protógenes começou a compreender...

WILSON DIAS/AG.BRASIL

O banqueiro Daniel Dantas depõe na CPI das Escutas Telefônicas Clandestinas da Câmara dos Deputados

Comemoração da vitória

CONLUTAS VENCE EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E MANTÉM SINDICATO NA LUTA

LUCIANA CANDIDO,
do Portal do PSTU

Já era quase 8h de sexta-feira, 13, quando o presidente da comissão eleitoral, Ivan Trevisan, anunciou a vitória da chapa 1. Com 69,08% dos votos válidos, a Conlutas continua na direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região.

Foi a maior votação desde 1997, com a participação de 10.585 trabalhadores. A chapa 1 venceu em todas as urnas. A chapa 2, da CUT, ficou com 25% dos votos válidos, e a chapa 3, da Força Sindical, com 5%. Os votos brancos e nulos somaram 2,54%.

Cada vez que a comissão eleitoral anunciava um resultado parcial, os metalúrgicos e apoiadores que lotavam a arquibancada do Tênis Clube, onde foram contados os votos, não se continham. Chuvas de papel picado, palavras-de-ordem e uma bateria animada duraram a noite toda apesar do cansaço.

Quando finalmente o resultado oficial foi anunciado, Vivaldo Moreira e Herbert Claros, candidatos a presidente e vice, respectivamente, correram pela quadra e foram carregados pelos ativistas. O pessoal da arquibancada invadiu a quadra e fez a festa.

AS ELEIÇÕES

Logo no primeiro dia de votação, mais de 7.200 trabalhadores haviam votado, quase atingindo o quorum de 7.900. A participação da categoria é expressão da consciência de que os próximos três anos trarão tarefas imensas.

Na Embraer, onde os operários passam por um momento trágico de demissões, a votação foi pequena contraditoriamente. Dois fatores contribuíram para isso.

O primeiro é o baixo número de filiados, graças a uma campanha de desfiliação feita pela empresa. Abaixo de assédio moral, a Embraer apoiou a tentativa frustrada da CUT de criar um sindicato paralelo.

O segundo foi a repressão histórica da Embraer. A empresa reservou um local com câmeras de segurança para a abertura das urnas e manteve sempre um funcionário de Recursos Humanos na sala de votação marcando quem votava.

OS DESAFIOS

Os desafios da próxima diretoria do sindicato não são futuros: eles estiveram colocados durante todo o processo eleitoral. Ao mesmo tempo em que fazia campanha, a diretoria do sindicato não descuidou por nenhum momento das necessidades dos metalúrgicos.

Foi no auge da campanha, por exemplo, que aconteceram as 4.270 demissões da Embraer. A diretoria, sem hesitar, enfrentou-se com a empresa e voltou-se para a defesa dos trabalhadores.

Nas fábricas menores, dispensas aconteciam todos os dias. Os diretores-candidatos estavam lá, nas portas das empresas, ao lado dos trabalhadores. Até uma ocupação de fábrica aconteceu durante esse período, na Inox.

Como se não bastasse o enfrentamento com os patrões e com o governo, a Conlutas ainda teve de enfrentar todo o tipo de calúnias por parte, principalmente, da CUT. Sem nenhuma responsabilidade, os membros da chapa 2 iam às portas de fábricas e faziam todo tipo de acusações mentirosas.

A falta de respeito com a categoria se expressou também na apuração, quando os membros da chapa da CUT, de forma pejorativa, chamavam os membros da chapa 1 de "sem-emprego".

A IMPORTÂNCIA

É verdade que esta não é a primeira vez que a Conlutas vence as eleições em São José dos Campos. Mas esta é diferente. Na situação mundial, ter a Conlutas à frente do sindicato é decisivo. A crise econômica não tem data para acabar e os ataques dos patrões e dos governos contra os trabalhadores tende a se aprofundar.

O resultado foi uma vitória não só dos metalúrgicos de São José, mas de todos os trabalhadores brasileiros. A chapa 1 representa a atual diretoria que colocou o sindicato no caminho da resistência e das mobilizações.

O novo vice-presidente, Herbert Claros, metalúrgico da Embraer de apenas 27 anos, definiu bem: "a vitória da chapa da Conlutas é o prenúncio da vitória que os trabalhadores de todo o país vão ter contra a crise".

O sindicato transformou-se num símbolo da resistência à crise. No ano passado, sob essa direção, os trabalhadores da GM barraram o banco de horas. Depois, no início de 2008, enfrentaram mais de 800 demissões. A luta da Embraer ainda está em curso, mas uma vitória parcial já foi conquistada com a suspensão das demissões. O sindicato demonstrou que vai lutar até as últimas consequências pela reintegração.

A cara de luta do sindicato expressou-se, também, no apoio recebido de trabalhadores, estudantes e sindicatos de todo o país. Na arquibancada, eram cantadas palavras-de-ordem como *"eu sou Conlutas, dá-lhe peão / e não aceito nenhuma demissão"* e *"Parou, parou / demitiu estatizou"*.

Como disse Vivaldo, *"dá pra dizer para os trabalhadores do Brasil inteiro hoje eles têm uma referência, basta lutar que é possível vencer"*.

UMA CAMPANHA DE TODOS

A campanha eleitoral em São José dos Campos foi de fato um evento da classe trabalhadora em nível nacional. Os apoiadores, a maioria ativistas da Conlutas e militantes e simpatizantes do PSTU, entenderam isso e saíram de todas as regiões do país rumo a São Paulo. Deixaram suas casas e famílias, deixaram de descansar nas férias. Dividiram uma casa com dezenas de outras pessoas, dormiram em colchonetes e não tiveram hora certa para comer.

Rodrigo Pimentel, jornalista de Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, passou um mês ajudando na campanha. Ele fez de tudo: da limpeza da sede até as discussões com os metalúrgicos na porta da fábrica, passando pelo trabalho de imprensa e a ocupação da Inox.

"Eu fiz aqui o que se faz durante toda uma vida de militância e isso fica ainda mais importante porque é por um sindicato que é modelo para todo o país do que é correto e do que deveria ser normal", disse. Ele falou da saudade da esposa e do filho que deixou no Sul: *"a saudade aperta, dói, mas não adianta eu cuidar só do meu filho no presente, se eu deixar de pensar no futuro de todas as crianças, em todos os trabalhadores e nos filhos deles também"*.

A estudante Vânia Inocêncio veio de Curitiba (PR). Ela estava impressionada com a força da Conlutas à frente dos metalúrgicos da cidade. Perguntada sobre o que aprendeu, Vânia falou que pôde ver "na prática o que é a aliança entre os trabalhadores e a juventude", referindo-se ao grande número de estudantes que estiveram na campanha.

"Agora eu quero usar essa experiência e tudo o que aprendi aqui para ajudar a construir uma alternativa como esta para os estudantes", disse.

Cipriano Silva, operário da Bahia, passou mais de duas semanas em São José dos Campos. *"Aqui foi um aprendizado e quero levar este modelo de luta para o meu estado"*, afirmou.

"Sem esse apoio, seria muito difícil. Fico muito feliz em saber que companheiros de vários estados entenderam o chamado e vieram aqui dar esse apoio pra gente", disse Vivaldo, emocionado, agradecendo aos camaradas.

KIT GAION

KIT GAION

Acima, comemoração da vitória da chapa. Abaixo, Vivaldo, presidente eleito e Herbert, vice-presidente

VITÓRIA ESPECIAL NA GM

O resultado geral destas eleições é um fato importantíssimo. Mas é preciso destacar que os operários da General Motors reconheceram a combatividade da atual direção também nas urnas, da mesma forma que respondem quando o sindicato os chama a lutar.

Havia 18 locais de votação na empresa, distribuídos por setores. A Conlutas venceu em redutos onde a CUT costumava vencer, como no MVA. O resultado na GM foi 63,25% para a Chapa 1 contra 31,98% para a 2 e 4,78% para a 3.

A empresa tentou impedir a campanha na fábrica. Dos 15 operários da GM que compunham a chapa, 13 foram colocados em férias coletivas. Os membros das outras chapas permaneceram trabalhando, fazendo a campanha junto aos demais funcionários livremente. Os materiais da CUT predominaram. A GM fez reuniões com os metalúrgicos para fazer campanha contra a Chapa 1.

De nada adiantou. A vitória da Conlutas na GM é o resultado de uma intensa batalha contra o banco de horas, as demissões e a retirada de direitos. O metalúrgico da GM sabe quem o representa e não vai negociar nem vender seus direitos.

É HORA DE OS TRABALHADORES DAREM O TROCO

CONLUTAS DISCUTE POSSIBILIDADE DE UNIFICAR AS LUTAS num grande dia de mobilização, proposto para 30 de março. É hora de ir às ruas não só contra as demissões, mas também pela redução de salários e direitos, exigindo a redução da jornada para combater o desemprego reparam no 1º de abril um dia de luta contra as demissões na Embraer e os efeitos da crise sobre os trabalhadores

DIEGO CRUZ

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A gravidade da crise econômica que se abate sobre o país e as demissões em massa apontam as mobilizações como única saída para os trabalhadores. É necessário, mais do que nunca, dar uma resposta política nacional à ofensiva dos patrões sobre direitos, salários e empregos.

Se os trabalhadores da indústria já sentem os efeitos da crise, em 2009 as demais categorias também irão amargar os efeitos da recessão. Os servidores públicos, por exemplo, têm seu reajuste ameaçado pelo governo. Usando como desculpa a queda na arrecadação, ele quer descumprir os acordos feitos no ano passado, agravando o arrocho no setor.

A luta na Embraer vem se tornando referência nacional. É necessário, porém, unificar as mobilizações. Um passo importante poderá ser dado no dia 30 de março. A proposta é realizar nessa data uma jornada nacional contra as demissões.

IMPORTANTE PASSO PARA A UNIDADE

A Conlutas impulsionou a convocação do dia 1º de abril como dia nacional de luta contra as demissões e a retirada de direitos, chamando a mais ampla unidade nas mobilizações. Setores como a CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil) haviam aderido à convocação, mas a CUT, lamentavelmente, adotou uma política divisionista e passou a convocar o 27 de março como dia de luta.

> **É importante que as categorias realizem assembleia para decidirem que tipo de ação será feita**

Felizmente, a pressão de vários setores sobre a CUT fez a central recuar e aceitar um dia unitário, 30 de março. Tem havido um esforço por parte da Conlutas e de outros setores para transferir a mobilização do dia 1º de abril para outra data, buscando a unidade do movimento. A Conlutas está realizando uma consulta às entidades filiadas sobre o tema e deve decidir a data na reunião nacional, que ocorre nos dias 21 e 22 de março.

Assim, caso se confirme a data, o próximo dia 30 será um dia nacional de luta, sendo também um importante passo para a unificação das mobilizações, ainda que existam enormes diferenças políticas e de método entre esses setores.

DISPUTA DE PROJETOS

Uma dessas diferenças é o que fazer diante da crise. Enquanto CUT e Força Sindical defendem, abertamente ou não, a flexibilização dos direitos e salários como saída para a crise e as demissões, a Conlutas está a favor da redução da jornada de trabalho, sem redução de salários ou direitos, como única forma de manter os empregos diante da redução da produção.

Outra importante diferença é a atitude da CUT e da Força em relação ao governo. Essas burocracias sindicais apoiam o governo federal e vão fazer de tudo para que as mobilizações não se enfrentem com Lula. Isso significa que a jornada de luta unificada pode ser um passo fundamental na luta contra as demissões, mas representa também uma disputa de projetos.

ESTABILIDADE NO EMPREGO JÁ!

A Conlutas vai às ruas para continuar exigindo de Lula a estabilidade imediata no emprego. Desde o início da crise, a entidade vem cobrando do governo a edição de uma medida provisória decretando a estabilidade no emprego, mas infelizmente, até agora, Lula está do lado dos banqueiros e empresários.

Ao contrário da CUT e da Força, a Conlutas não vai pedir mais subsídios às empresas para não demitirem. Ao contrário, vai exigir a estatização das que fizerem cortes.

A luta dos trabalhadores da Embraer, nesse sentido, tem uma enorme importância. É preciso que, nacionalmente, estudantes, operários, servidores e demais categorias levem sua solidariedade a essa luta, cujos desdobramentos se refletirão em todos os setores.

É hora de os trabalhadores darem o troco. É importante que as categorias realizem assembleia para decidir o tipo de ação que será feita no dia unificado de lutas.

AG. CROMAFOTO

A IMPORTÂNCIA DA LUTA PELA REESTATIZAÇÃO DA EMBRAER

Reintegração dos demitidos e reestatização da empresa estão na ordem do dia. Ato em São José dos Campos, no dia 11, lançou a campanha nacional

KIT GAION

O destino dos milhares de demitidos na Embraer no dia 19 de fevereiro está diretamente ligado à sorte da classe operária no país. Uma vitória contra as demissões mostraria que é possível vencer os atuais ataques, colocando em xeque a ofensiva da patronal. Já a confirmação dessas demissões mostraria ao empresariado que ele pode demitir e seguir contando com o apoio do BNDES.

EMBRAER EM XEQUE

Por enquanto a pressão dos trabalhadores, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, da Conlutas e as iniciativas jurídicas conjuntas vêm mantendo as demissões suspensas pela Justiça. A liminar anulando os cortes, concedida pelo TRT de Campinas, foi prorrogada mais uma vez no último dia 13. Quando fechávamos esta edição, uma nova reunião de conciliação estava marcada para o dia 18.

Diante da intransigência da Embraer, que se recusa a rever as demissões, o TRT fez duas propostas. A primeira prevê a suspensão do contrato de trabalho por um ano e qualificação profissional. O trabalhador receberia uma bolsa de qualificação e a empresa pagaria ainda uma ajuda financeira de 20% do salário, por 12 meses. A segunda proposta do tribunal é a rescisão dos contratos de trabalho, com a manutenção de alguns benefícios por 12 meses e indenização adicional.

Tais propostas não satisfazem o sindicato, já que os trabalhadores exigem a reintegração definitiva. Mas, para a Embraer, representam uma derrota de sua intransigência. A empresa limitou-se a propor uma indenização aos demitidos de apenas dois salários. Mantém-se irredutível em relação às demissões e chegou a ameaçar não pagar os salários dos trabalhadores cujas demissões foram suspensas pela liminar.

O governo, por sua vez, nada fez para reverter as demissões. Em reunião com a direção da empresa, Lula sequer pediu a reintegração dos demitidos. Mais do que isso, o governo ofereceu novas linhas de financiamento do BNDES para a Embraer. É o sinal verde para os empresários realizarem demissões em massa.

NACIONALIZAR A LUTA, REESTATIZAR A EMPRESA

Os resultados conquistados até agora na Justiça, embora parciais, foram importantes e colocaram temas cruciais em pauta. Como o das demissões imotivadas no país, ou seja, demissões sem qualquer justificativa. Tal problema faz com que o Brasil tenha uma enorme rotatividade do mercado do trabalho, o que contribui para precarizar as relações trabalhistas.

Outro tema que vem ganhando mais importância é a necessidade da reestatização da Embraer. Privatizada em 1994, a empresa está nas mãos de investidores estrangeiros e já consumiu em recursos públicos, via BNDES, muito mais do que sua própria venda ou de seu lucro.

É necessário exigir do governo a imediata reestatização da Embraer como forma de reverter de forma definitiva as demissões e manter sob controle do Estado o estratégico setor da aviação. Recentemente, os EUA vetaram a venda de jatos da empresa para a Venezuela, mostrando que a reestatização é necessária até para restabelecer a soberania no setor.

O governo, porém, financia a empresa e sequer pressiona para reintegrar os demitidos. É necessário massificar o movimento lançado no dia 11 de março em São José dos Campos pela reestatização, buscando a solidariedade de todos os trabalhadores numa ampla mobilização nacional, como a que pode ocorrer no dia 30.

O resultado da luta na Justiça não deixa de ter importância, mas é a mobilização direta que vai definir, de fato, o futuro dos trabalhadores da Embraer.

LEIA NA PÁGINA 16:
Estatização é a única forma de o Brasil retomar a Embraer

ECONOMIA DESPENCA E ANUNCIA LONGA RECESSÃO

Cai o argumento do governo e dos empresários de que a crise vai passar logo

O Brasil foi pego em cheio pela crise. Ao contrário da "marolinha" de Lula, o que se viu foi uma "tsunami" de férias coletivas e demissões em massa.

Foi preciso adequar o discurso à realidade. O governo, os empresários, a imprensa e as centrais sindicais, como CUT e Força Sindical, diziam que a tormenta passaria rapidamente e logo o país retomaria o crescimento.

Nas fábricas, os patrões utilizaram esse discurso para impor a suspensão dos contratos de trabalho e o rebaixamento dos salários e de direitos. Afinal de contas, seria um sacrifício apenas por alguns meses, até a crise passar. Um preço baixo para manter os empregos.

O PAÍS JÁ ESTÁ EM RECESSÃO... E ELA SERÁ LONGA

Na última semana, porém, esse argumento foi também desmascarado. E de forma brusca. O resultado da economia em 2008, divulgado pelo IBGE, revela o forte impacto da crise no país.

No quarto trimestre do ano, o PIB, a soma dos valores dos produtos e bens produzidos no período, caiu 3,6%. Caso a crise tivesse chegado no início do ano, a economia teria despencado 13,6%, o que colocaria o Brasil perto de uma depressão. E tudo indica que a queda avança neste primeiro trimestre de 2009, colocando o país oficialmente em recessão, o que é tecnicamente caracterizado quando o PIB cai por dois trimestres seguidos.

O desempenho da economia aponta uma severa e longa recessão, ao contrário da propaganda oficial. O agravamento da crise no mundo refletiu no Brasil de forma quase automática em 2008. De uma dinâmica de crescimento, a economia do país deu um violento cavalo de pau e despencou.

CRISE NA INDÚSTRIA

O resultado na indústria é um dos principais indicadores da economia. A produção industrial, que sustentou o crescimento nos últimos anos, caiu 7,4% nos três últimos meses de 2008. Os investimentos em máquinas e equipamentos na indústria e na construção civil sofreram queda de 9,8% em relação ao trimestre anterior. Se a redução da atividade industrial já havia sido constatada, a queda violenta dos investimentos indica que não será retomada em curto ou médio prazo.

A tendência se reflete no uso das máquinas. Enquanto em janeiro de 2008 o uso da capacidade instalada era de 83,3%, em janeiro deste ano caiu para 78,4%. Isso significa que boa parte da capacidade da indústria está ociosa. E máquina parada representa prejuízo, é um investimento que não está tendo retorno.

O diretor da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) Carlos Pastoriza definiu a situação no setor de forma dramática. "Os números de janeiro são estarrecedores. O faturamento caiu 38% sobre dezembro, o maior recuo da história", afirmou.

É um ciclo recessivo. Vendo um período de recessão, os empresários não investem e demitem. Preferem guardar dinheiro a investir novamente na produção. Em janeiro deste ano, o emprego na indústria sofreu queda histórica de 2,5% sobre janeiro de 2008.

Por enquanto, a crise se concentra no Sudeste, ainda que as outras regiões também a sintam, com força, dependendo do setor. Segundo a própria Fiesp, de outubro de 2008 a fevereiro deste ano mais de 236 mil trabalhadores da indústria em São Paulo foram demitidos. Quase 8% de todos os trabalhadores do setor no estado.

Recentemente, o governo tentou passar a ideia de que a indústria automobilística experimentava uma rápida recuperação, devido ao crescimento da produção entre dezembro e janeiro. Sob esse argumento, o pior já teria passado. O que o governo não afirmou, porém, é que em janeiro e fevereiro deste ano, com relação a 2008, a produção de automóveis caiu 24,1%.

O QUE ESPERAR DO FUTURO

O resultado do PIB revelado pelo IBGE foi um balde de realidade sobre os discursos fantasiosos de governo, mídia e empresários. As previsões para a economia em 2009 foram revisadas e fica cada vez mais absurda a previsão do ministro da Fazenda, Guido Mantega, de 4% de crescimento.

A maioria dos analistas prevê um ano de estagnação e já há os que falam abertamente em índices negativos. Analistas afirmaram à revista Exame que as projeções da instituição para 2009 no Brasil são de redução de 1,9% do PIB. O que coincide com a projeção do Banco Mundial para a economia mundial, de redução de 1% a 2%.

Longe de uma turbulência passageira ou uma correção de rota, trata-se de uma crise de superprodução do capitalismo, que provocará queima de capitais em todo o mundo.

MENTIRA DA FLEXIBILIZAÇÃO

Percebe-se de forma cada vez mais clara que, ao contrário do discurso do governo e dos empresários, a crise será longa. O argumento da "crise passageira", a fim de convencer os trabalhadores a aceitarem reduções de salários e direitos, mostrou-se mais uma grande mentira.

A recessão que ronda o Brasil reafirma a necessidade de impulsionar a luta contra as demissões e, ao mesmo tempo, recusar a flexibilização. Abrir mão de salário e direitos agora significa abrir mão de tudo isso por um bom tempo ou, o mais provável, abrir mão do próprio emprego.

A CRISE QUE AMEAÇA A JUVENTUDE

CORTE DE VERBAS da educação pública, restrição à meia-entrada, aumento de mensalidades e demissões. Eles querem que a juventude pague pela crise. Mas nós não vamos pagar. Confira as bandeiras para combater a crise

***LEANDRO SOTO*,**
da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Nas últimas semanas, a crise econômica se aprofundou em nosso país. O número de demitidos já alcança a casa do milhão. As demissões em massa se tornaram uma realidade. Aos demitidos da GM e da Vale se somam agora os mais de 4 mil da Embraer. Em São Paulo, um terço das famílias já possui um trabalhador demitido. O país está em recessão. Até Lula, que chamou a crise de marolinha, é obrigado a reconhecer: ela chegou e veio para ficar.

A queda no PIB resultou em uma redução de 12,2% na arrecadação de impostos pelo governo federal. Isso significa R$ 11 bilhões a menos no orçamento. Para se ter uma ideia do que isso significa, basta dizer que o orçamento previsto para as universidades federais ao longo de todo o ano é de R$ 13,5 bilhões. E é só o começo. Os especialistas afirmam que, ainda que a economia se recupere, o orçamento do governo sofrerá uma perda de no mínimo R$ 40 bilhões até o final do ano, podendo chegar a mais de R$ 60 bilhões.

NENHUM CENTAVO A MENOS PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA!

Diante desse cenário, o governo Lula começa a discutir cortes no orçamento. É o alerta vermelho para aqueles que defendem a educação pública. Afinal de contas, um governo que destina R$ 525 bilhões para pagamentos dos juros da dívida e apenas R$ 40 bilhões para a educação já demonstrou suas prioridades. O orçamento da educação já sofreu um duro golpe, com o corte de R$ 1 bilhão no início do ano. Agora, poderá ser alvo de novas restrições. As universidades e as escolas estaduais também devem sofrer com os cortes que, em São Paulo, podem chegar a 20%.

Neste momento de crise, o governo não pode cortar verbas da educação para financiar banqueiros e a economia americana por meio dos juros da dívida. Desde já a juventude e o movimento estudantil devem exigir: nenhum centavo a menos para a educação pública!

NENHUM AUMENTO DE MENSALIDADES! ESTATIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES EM CRISE JÁ!

A crise também chegou às universidades privadas. As demissões combinadas com o aumento das mensalidades produziram um boom de 35% na inadimplência. Os tubarões de ensino, para manter seus lucros, decidiram que os estudantes e trabalhadores vão pagar pela crise.

As mensalidades estão aumentando em dezenas de universidades e trabalhadores estão sem receber salários. Esse cenário vem provocando greves e mobilizações em importantes universidades privadas. Para piorar, o governo Lula criou por meio do BNDES uma linha de crédito a juros baixos para os tubarões de ensino. Eles aumentam mensalidades e ainda ganham dinheiro do governo. Assim não dá!

Por isso, exigimos do governo uma medida provisória proibindo o aumento de mensalidades. Em vez de financiar as universidades privadas, Lula tem que estatizar as que estão em crise, sem indenização para os tubarões do ensino.

NENHUM DIREITO A MENOS PARA A JUVENTUDE! NÃO À RESTRIÇÃO DA MEIA-ENTRADA!

O Senado aprovou um projeto de lei que prevê a restrição do benefício da meia-entrada a apenas 40% dos bilhetes oferecidos. A meia-entrada é uma conquista histórica dos estudantes e é fundamental na garantia do acesso à cultura e ao lazer para milhões de jovens.

Os empresários do entretenimento querem, junto com o Congresso Nacional, que a juventude pague pela crise, acabando com esse direito histórico. A UNE e a UBES negociam com esses senhores tentando restabelecer o monopólio das carteirinhas, o que será o fim desse direito para milhares de estudantes que não podem pagar pelas carteiras.

Por isso, entidades de todo o país estão organizando uma campanha nacional com um abaixo-assinado contra o monopólio da UNE e UBES e exigindo do presidente Lula que vete a restrição à meia-entrada. Derrotar a restrição a esse benefício é uma tarefa de toda a juventude.

NENHUMA DEMISSÃO! A EMBRAER É NOSSA! REESTATIZAÇÃO JÁ!

Milhões de trabalhadores perderam seus empregos. A maior parte deles jovens. Trabalhando como terceirizados, estagiários ou bolsistas, a juventude trabalhadora vem pagando caro pela crise.

As demissões na Embraer se tornaram um símbolo da crise. A empresa tinha uma importância estratégica para a soberania nacional devido à tecnologia que produzia. Sua privatização significou não apenas a entrega de um patrimônio, mas também um ataque à soberania. Hoje a Embraer demite milhares para manter a remessa de lucros para o exterior.

A luta contra as demissões na Embraer e por sua reestatização é um símbolo nacional da luta contra a crise. A juventude deve se unir aos operários da Embraer e de todo o Brasil nessa campanha.

Por isso, no dia 30 de março, a Conlutas e outras organizações irão realizar um grande ato nacional contra as demissões e a crise em todos os estados. A juventude deve se unir à classe operária e ocupar as ruas levantando nossas bandeiras de luta!

POR UM CONGRESSO DOS ESTUDANTES QUE ORGANIZE A LUTA CONTRA A CRISE

Em tempos de crise econômica e com tantos ataques, é urgente e necessária a construção de um espaço democrático e livre da juventude para organizar a resistência à crise. Atrelada ao governo, infelizmente a UNE não pode impulsionar esse espaço. Por isso, centenas de entidades estudantis já estão convocando um congresso nacional dos estudantes livre e democrático para avançar na luta contra a crise.

Construir esse congresso e indicar a construção de um novo instrumento nacional de lutas para a juventude são as tarefas fundamentais para materializar a resistência da juventude à crise.

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

Europa: entre a crise econômica...

Operador na Bolsa de Frankfurt, Alemanha

A crise econômica mundial tem provocado um forte impacto na Europa. Os dados econômicos oficiais do último trimestre de 2008 são ainda piores que os dos Estados Unidos. Diante de uma queda global de 1,5% do PIB, a imprensa da União Europeia (UE) fala de uma "queda em parafuso". A Alemanha, locomotiva da UE, teve uma queda de 2,1%. A produção industrial de dezembro 2008 foi 11,5% inferior à do mesmo mês em 2007. Em janeiro, as vendas de veículos caíram 27%.

A crise afeta todo o continente: das grandes potências europeias aos imperialismos menores e à periferia, tanto os países que pertencem à UE (Leste Europeu e os bálticos) como aqueles que não fazem parte (Rússia, Ucrânia, etc.). O sistema financeiro europeu está tão quebrado como o norte-americano. Todas as medidas adotadas até agora só seguraram, a duras penas, a queda no abismo, enquanto a crise financeira se acentua.

Foi assim com as sucessivas baixas das taxas de juros, com as injeções bilionárias de dinheiro por parte do Banco Central Europeu (BCE) e com as intervenções dos governos. Mas o crédito não flui e os bancos continuam vendo seu valor de mercado evaporar. Só no dia 16 de fevereiro, os bancos perderam 7% de sua cotação (reduzida a menos da metade durante o último ano e, em casos como o Deutsche Bank, a um terço).

As previsões

Os recentes resultados negativos da economia europeia superam todos os prognósticos. As últimas previsões oficiais da UE foram redigidas "com um nível de incerteza excepcional", segundo seus autores. Para 2009, se prevê uma queda média de 1,8% do PIB europeu. Mas na Irlanda e nos países bálticos a diminuição seria de 5% ou mais e, na Grã-Bretanha, de 2,8%. O desemprego oficial da UE aumentou em 1,6 milhão. Em 2008, chegou a 18 milhões de pessoas, 7% da população ativa. A previsão oficial para 2009 é de 3,5 milhões.

Mas ainda são previsões "otimistas". Fontes anônimas da Comissão Europeia têm expressado o temor de que "esteja em jogo não uma recessão de 2% ou 3% senão de 15% a 20%".

Contradição de uma união de muitas cabeças

Seguindo o caminho do governo Obama, a UE prepara um novo plano geral de resgate dos bancos e empresas. Mas a grande diferença com os EUA é que a União Europeia não é um "estado único", com um só governo e regras comuns. Pelo contrário. É um bloco imperialista onde convivem de maneira conflituosa diferentes capitalismos, cada um com seus próprios interesses e seu próprio estado. No momento em que a crise se precipitou, a Comissão Europeia (CE) e suas instituições passaram rapidamente a segundo plano ou simplesmente desapareceram de cena.

Por isso, as medidas de resgate bancário têm sido realizadas pelos estados nacionais e não pelas instituições da Comissão Europeia. A CE limitou-se a aprovar os planos que os estados membros, em conivência com seus próprios banqueiros, tinham decidido para salvar seus bancos nacionais e promover sua concentração e centralização. O BNP francês, por exemplo, comprou 75% do banco belga Fortis justo após receber 2,5 bilhões de euros do estado francês. Os bancos da Espanha, que não têm recebido injeções de capital, se queixam da concorrência desleal dos bancos "recapitalizados" de outros países que, como o ING holandês, disputam agressivamente os depósitos espanhóis.

Várias 'Europas'

Na realidade, há várias "Europas": a dos imperialismos ricos, a dos menos ricos e a dos estados do Leste Europeu. Num extremo, países como Alemanha e França, os mais ricos do continente, promoveram nesta primeira fase da crise duvidosos planos de reativação e concessões temporárias aos trabalhadores, lançando mão da riqueza acumulada no passado para colher endividamentos no futuro.

No outro extremo estão os países do Leste e os bálticos, últimas incorporações da UE. Países onde o capitalismo foi restaurado à custa de um retrocesso econômico e social brutal, e que foram entregues ao capital multinacional pela nova burguesia surgida do seio da velha burocracia stalinista.

A fragilidade desses últimos países é extrema: dependem dos investimentos e do financiamento das multinacionais, dos bancos estrangeiros e das subvenções europeias. Três quartos de sua produção são exportados para a UE. Suas moedas se desvalorizaram rapidamente. Para eles, a crise significa ruína. Seus governos, servis, fracos, desacreditados e corruptos, carecem de margem de manobra, e seus "planos de choque" representam o empobrecimento da população.

É o caso da Estônia, Letônia, Lituânia, Hungria, Romênia e Bulgária, entre outros que estão à beira da falência, com o desemprego avançando e obrigados a cumprir as receitas clássicas do FMI (desvalorização, rebaixamento salarial, desmantelamento do setor público etc.).

Por trás do bloco do Leste, vêm os imperialismos de segunda e terceira categoria da zona do euro (países que utilizam o euro como moeda), sobre os quais paira a ameaça de falência. A Grécia, depois de uma década de crescimento, vive uma rápida deterioração econômica e social. A desigualdade social é brutal: 80 grandes empresários possuem um patrimônio equivalente ao PIB nacional. Sua dívida nacional, a segunda da Europa, é enorme (96,2% do PIB) e continua aumentando.

A Irlanda é talvez o país da zona do euro mais próximo da insolvência. Segundo as previsões oficiais da UE, em 2009, seu PIB retrocederá 5%, seu déficit público atingirá 11% e o desemprego, 10%. O sistema bancário está sob intervenção, as dívidas dos bancos avalizadas, a maioria de suas ações passou para as mãos do estado e os depósitos estão garantidos. Mas os bancos seguem afundando, enquanto o governo é incapaz de responder pelos fundos e depósitos. Os preços de cobertura da dívida pública irlandesa foram triplicados em uma semana.

Já o estado espanhol detém o triste recorde europeu de desemprego. Em janeiro, o índice superava os 3,3 milhões. A previsão é que o desemprego chegará aos 4,5 milhões até dezembro (20% da população ativa). O déficit público será de 6,2% do PIB em 2009, enquanto o déficit exterior continuará sendo um dos maiores do mundo. Uma piada no recente Fórum de Davos qualificava o país como "fundo hipotecário de alto risco".

Em fevereiro, o principal fundo espanhol de investimento hipotecário, pertencente ao banco Santander, foi incapaz de fazer frente à retirada em massa de fundos e decretou uma espécie de "corralito" (restrição às retiradas de dinheiro em efetivo) por dois anos. A qualificação da dívida pública espanhola foi rebaixada pelas agências internacionais, dificultando seu acesso aos mercados financeiros internacionais e encarecendo seu financiamento. As empresas estatais (as joias da coroa) já estão caindo em mãos de capital estrangeiro. A italiana Enel acaba de se fundir com a empresa elétrica Endesa e muitos se perguntam o quanto demorará em acontecer algo parecido com a petroleira Repsol.

(Continua na próxima página)

... e a resposta dos trabalhadores

Manifestante durante ato na Itália em 14 de fevereiro

(CONTINUAÇÃO)

A crise da União Europeia

O descrédito popular com a União Europeia é intenso e aumenta com a percepção de seu papel como fiel instrumento da *"Europa do capital"*. O projeto está em crise aberta desde que o povo francês, em maio de 2005, recusou a constituição europeia neoliberal e imperialista. A manobra posterior do presidente francês Sarkozy de substituir a frustrada constituição por um tratado com o mesmo conteúdo (que poderia ser aprovado apenas pelos parlamentos e governos) também resultou num fiasco devido à oposição do povo da Irlanda. Desde então, o tratado está no limbo.

A crise mundial também aumenta a necessidade do capitalismo europeu de se apoiar na UE para se organizar e enfrentar em melhores condições o colapso norte-americano. Mas a incorporação de novos países à UE encontra-se paralisada. As instituições comunitárias retiraram-se da cena para deixar os estados nacionais agirem diante da crise, em particular o alemão e o francês, que marcam seus próprios planos nas aéreas econômica, financeira, energética, diplomática e militar. A UE vive imersa em um clima cada vez mais nacionalista, com os governos se esforçando em servir a suas próprias burguesias nacionais.

Já começa a ser cogitada a possibilidade de que a crise vá tão longe que chegue a provocar uma hipotética quebra do euro e da atual UE. A perspectiva de falência de países da zona do euro, como Irlanda e Grécia, é uma ameaça próxima. O destino do euro e da própria UE é, portanto, incerto e está submetido a grandes sobressaltos. Mas o que sim está fora de dúvida é que a crise mundial vai dar lugar a outra configuração da Europa.

CALDEIRÃO DA LUTA DE CLASSES

A luta de classes começa a esquentar na Europa para grande alarme de governos que, ao mesmo tempo, provocam os trabalhadores com suas medidas. Praticamente todos os países vivem mobilizações operárias e populares que se radicalizam e se massificam em meio a uma crise que ataca o emprego e as conquistas operárias e empobrece amplos setores das camadas médias.

Entramos num período marcado por uma crise histórica do capitalismo que rompe todos os diques e por uma ebulição generalizada do movimento de massas. Uma crise que acelera o descrédito geral dos diferentes governos, depois de uma longa década de *"prosperidade"*.

ATAQUE DOS GOVERNOS

Apesar dos altíssimos ganhos conseguidos nos últimos anos e das gigantescas ajudas atuais dos governos, as empresas começam a despejar o custo da crise sobre os trabalhadores. O principal ataque se expressa por meio de um grande aumento do desemprego, pelo bloqueio nas contratações e pelas demissões em massa. Estima-se que diariamente sejam perdidos 10 mil postos de trabalho. Na montadora Renault, foram anunciadas 6 mil demissões na França. A Nissan da Espanha pretende demitir 1.400. Outro setor muito afetado foi o da construção civil. Na Espanha, calcula-se que no final de 2009 cerca de 900 mil operários da construção fiquem sem trabalho.

Alguns governos também querem eliminar o *"seguro-desemprego"*. Com grande cinismo, Miguel Ángel Fernández Ordóñez, chefe do Banco da Espanha, expressa que uma das causas do alto desemprego no país é seu "mercado de trabalho ineficiente". Por isso, é preciso *"levar a cabo reformas estruturais das instituições trabalhistas"*, começando por reduzir ao mínimo o seguro-desemprego, hoje a cargo das empresas, e transferi-lo ao estado. Ainda que pareça incrível, para reduzir o desemprego, se deve baratear o custo da demissão das empresas, enquanto os governos seguem *"ajudando"* aquelas que demitem.

Aprofunda-se também o ataque aos níveis salariais e às condições de contratação, por meio dos *"planos de viabilidade"* para os trabalhadores que conservam seu emprego e os novos contratados. Esses planos já vinham sendo impulsionados pelas empresas, mas agora, aproveitando-se da crise, sua intensidade é redobrada. Eles são apresentados de modo hipócrita como *"planos para salvar a fonte de trabalho"*.

Paralelamente, desenvolvem-se ataques aos trabalhadores imigrantes que as burguesias utilizam para baratear os custos trabalhistas no período de ascensão econômica. Também começam as reduções dos orçamentos estatais para os serviços essenciais, como a educação e a saúde, que implicam em redução e congelamento salariais para os trabalhadores estatais e perda de milhares de postos de trabalho. É o que acontecerá com os professores precarizados na Itália, caso se aprove a reforma educativa proposta pelo governo Berlusconi.

A resposta dos trabalhadores

Meses antes da crise e do desemprego em massa, a grande revolta grega anunciava a entrada em um novo período da luta de classes na Europa. Iniciada no dia 6 de dezembro em resposta ao assassinato do jovem Alexis, a rebelião foi protagonizada pela *"geração dos 700 euros"* e gerou uma semi-insurreição espontânea que pôs a Grécia de pernas para o ar.

A ascensão operária e popular vai se estendendo para outros países. Vejamos alguns dos fatos mais importantes:

ESPANHA

Desenvolveram-se numerosas lutas setoriais, em especial contra os EREs (Expedientes de Regulação de Emprego), pelos quais as empresas apresentam seus planos de demissões. Ocorreram mobilizações em Barcelona, onde a Nissan quer demitir 1.400 trabalhadores. Em novembro, uma manifestação contra os EREs realizada por trabalhadores da Nissan, Pirelli, Tyco, Delphi e outras empresas, convocada pelas centrais CC.OO. e UGT, contou com 40 mil pessoas. Em Madri, em novembro passado, a Coordenadora de Trabalhadores da Previdência Pública realizou uma manifestação contra a privatização do setor (20 mil pessoas). Para completar o quadro, dezenas de milhares de estudantes manifestaram-se contra a privatização do ensino universitário, e agora se planeja um encontro nacional para continuar a luta.

FRANÇA

No dia 29 de janeiro, uma enorme greve geral parou o país. Convocada pelas oito centrais sindicais *"contra o apoio unilateral que o estado francês brinda aos bancos e à indústria, mediante o pacote de medidas para reativar a conjuntura econômica"* e para exigir que *"o governo implemente despesas em massa do estado para ajudar também os trabalhadores e desempregados a enfrentar as consequências da crise financeira e econômica"* (Clarín, 30/01/09). Para o dia 19 de março está convocada uma nova greve geral. Nos territórios franceses de Guadalupe e Martinica, no Caribe, há várias semanas se desenvolve uma greve geral em protesto contra o alto custo de vida e exigindo ajuda financeira do governo Sarkozy.

POR UM PLANO OPERÁRIO E DE LUTA CONTRA A CRISE

Os burgueses e seus governos dizem que a única alternativa à crise é o sacrifício de milhões de trabalhadores. Esta é "sua saída", não a nossa. Que paguem pela crise os capitalistas, não os trabalhadores. É possível lutar por uma política econômica cujo eixo seja resolver as urgentes necessidades dos trabalhadores e do povo. O dinheiro para essas medidas deve sair dos bilhões que bancos e empresas estão recebendo dos governos e também dos fabulosos ganhos que os capitalistas obtiveram nos últimos anos.

Por isso, a primeira medida necessária é nacionalizar os bancos. Mas não como estão fazendo os governos. É preciso expropriá-los sem nenhum tipo de indenização para que funcionem como um sistema bancário estatal único, sob controle dos trabalhadores.

O principal problema que está afetando os trabalhadores europeus é o desemprego. Por isso, as medidas e a luta devem indicar a defesa dos postos de trabalho. Contra o desemprego, deve-se exigir dos governos a proibição das demissões. Para que isso não fique no papel, essa medida será garantida pela nacionalização sem indenização das empresas que demitirem. Algo que, ademais, é bem mais barato que enviar bilhões a elas.

Diante da queda da produção (que nos momentos de alta significava superexploração com ritmos de trabalho extenuantes), devemos levantar a bandeira da redução da jornada de trabalho, sem redução de salário. Assim, seria possível aplicar uma semana de trabalho de 36 ou 35 horas semanais. Para os trabalhadores desempregados é imprescindível um seguro-desemprego sob o controle do estado e das empresas, que cubra as necessidades de uma família até que o estado garanta um posto de trabalho digno.

Para acabar com o desemprego também é muito importante exigir dos governos que iniciem de imediato planos de obras públicas para dar trabalho a milhões e que construam hospitais, escolas e universidades públicas, além de moradias populares de qualidade.

É preciso também exigir a diminuição da idade para se aposentar e que cada aposentado seja substituído por um trabalhador com os mesmos direitos garantidos por lei, a rejeição a todas as propostas patronais de reformas trabalhistas de precarização e flexibilização, exigindo a defesa incondicional dos direitos trabalhistas e sociais adquiridos. A imposição de qualquer retrocesso vai custar a ser revertida no futuro. Por último, a crise produz um aumento da pobreza e uma deterioração do poder aquisitivo dos trabalhadores. Por isso, devemos lutar por um aumento geral de salários, aposentadorias e pensões.

AVANÇAR NA ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE

Todas as lutas citadas foram o resultado da pressão e da indignação da base. A principal trava nas mobilizações é o grande apoio aos governos por parte dos aparelhos sindicais que, durante o último período, se apoiaram em setores da aristocracia operária beneficiados pela "prosperidade".

Assim garantiram seus privilégios burocráticos, enquanto se aliavam com a patronal e os governos para generalizar a precariedade e os baixos salários para a maioria dos trabalhadores (especialmente da juventude), avalizando assim a discriminação e a superexploração dos imigrantes, convertidos em uma parte importante da classe operária europeia.

Nestes anos a classe operária europeia recebeu golpes importantes, mas não sofreu nenhuma derrota histórica. Portanto, tem totais condições de responder aos problemas causados pela crise capitalista. Mas deve-se levar em conta que nos encontramos diante de um enorme atraso na organização das oposições classistas à burocracia sindical e no agrupamento da esquerda revolucionária.

Com o aumento do desemprego e os ataques aos direitos trabalhistas e aos serviços públicos, as bases da burocracia sindical poderão romper com suas direções, pois já não estão sendo atacados apenas os setores mais explorados da classe operária, mas também a aristocracia operária e as camadas médias.

Enquanto essas burocracias controlarem os aparelhos sindicais e dirigirem a maioria dos trabalhadores, é necessária uma política de exigência a suas direções para que rompam seus acordos com os governos e empresas e se ponham à frente de verdadeiros planos de luta nacionais e europeus. Nesse marco, é necessário impulsionar a unidade de todas as organizações operárias com o objetivo de conseguir mobilizações contundentes, que respondam aos ataques dos governos e dos patrões.

Paralelamente, para avançar em uma resposta de luta de acordo com a situação e os ataques, é necessário impulsionar e avançar numa verdadeira organização democrática e de luta dos trabalhadores, que possa se fortalecer como alternativa a essas burocracias e seus aparelhos. Nesse sentido, experiências como a coordenação dos sindicatos alternativos italianos, as organizações independentes de base dos docentes portugueses e a coordenadora da saúde de Madri podem mostrar o caminho.

IRLANDA

No dia 21 de fevereiro, 120 mil pessoas se reuniram na capital da Irlanda, Dublin, um dos países europeus mais afetados pela crise global, para *"protestar contra o papel do governo e dos bancos na crise financeira"* (La Nación, 22/2/09). O protesto, um dos maiores na história do país, foi convocado por vários sindicatos contra a decisão do premiê conservador Brian Cowen de taxar com um imposto as pensões de 350 mil empregados estatais.

ITÁLIA

No dia 17 de outubro, os *"sindicatos alternativos"* chamaram uma jornada de greve e mobilização. Em Roma, houve participação milhares de manifestantes, especialmente trabalhadores das escolas e jovens estudantes, em oposição à reforma educativa impulsionada pelo governo Berlusconi. Para debilitar o movimento do dia 17, a maior central sindical italiana, a CGIL, convocou uma paralisação de quatro horas para o dia 13, mas muitos setores, como servidores públicos e metalúrgicos, decidiram estender o protesto para toda a jornada.

Os sindicatos alternativos se somaram também a essa convocação com sua própria plataforma de reivindicações e realizaram mobilizações com dezenas de milhares de participantes nas principais cidades italianas. O setor educacional (docentes e estudantes) continuou a luta nos meses seguintes. No dia 13 de fevereiro, a CGIL, pressionada pela convocação da federação metalúrgica, chamou uma nova jornada de luta. Em Roma, se realizou uma gigantesca manifestação com 700 mil pessoas, com forte presença de servidores públicos, metalúrgicos e estudantes.

PORTUGAL

A vanguarda da luta no momento são os professores, na batalha contra um plano de reestruturação do sistema educacional e da carreira docente, impulsionado pelo governo *"socialista"* de Sócrates. No dia 8 de novembro, foi realizada uma manifestação com 120 mil pessoas (uma das maiores desde a revolução de 1974). No dia 15 de novembro, diante da tentativa dos sindicatos "oficiais" de pactuar com o governo, cresceu o peso das organizações de base e independentes. Estas realizaram uma convocação própria com mais de 15 mil pessoas, por fora do aparelho da burocracia sindical, que buscava desmobilizar.

Jovem portuguesa nos protestos do dia 15

CRESCEM O RACISMO E A XENOFOBIA

O premiê italiano Berlusconi

Durante anos, a burguesia europeia utilizou a mão de obra imigrante, abundante e com maiores facilidades para sua exploração, para seu crescimento econômico. Agora, com o a crise econômica este é o primeiro setor a sofrer suas conseqüências. A burguesia quer que os trabalhadores paguem pela crise. E, entre os trabalhadores, os mais explorados são os imigrantes. O desemprego fez estragos entre a imigração: na construção e na indústria as demissões atingem, sobretudo, os trabalhadores mais precarizados.

Os governos europeus pavimentaram o caminho para se desfazer da mão de obra excedente com leis discriminatórias e repressivas contra os imigrantes. No ano passado, aprovou-se a "diretiva de retorno" na UE (conhecida como "diretiva da vergonha") que permite a detenção em até 18 meses dos imigrantes ilegais, para facilitar sua expulsão. As permissões de trabalho e residência estão vinculadas, em grande medida, à manutenção de um contrato de trabalho. Sua perda resulta no fim da legalidade e na possibilidade da expulsão. Os governos da UE estão adaptando suas legislações a esta diretiva. O "pacto sobre imigração" e asilo dos 27 países da União Europeia vai promover a expulsão dos imigrantes irregulares, a proibição a todos os países de promover regularizações em massa, além de "melhorar" o controle de fronteiras.

As medidas mais reacionárias estão sendo implementadas pelo governo italiano de Berlusconi. O premiê italiano aumentou de dois a 6 meses o tempo de detenção dos imigrantes "irregulares" e aprovou a formação de patrulhas de rua noturnas (formadas por ex-policiais, ex-militares e civis) para vigiar as cidades. Estas patrulhas recordam os grupos fascistas da época de Mussolini e são resultado de uma campanha xenófoba que equipara a imigração com delinqüência. As cifras de delinqüência estão baixando na Itália, mas os casos que envolvem delinqüentes estrangeiros são magnificados para criar um estado de psicose que facilita a implantação das patrulhas.

Mas o ataque aos imigrantes não é exclusivo dos "governos de direita". Na Espanha, o governo "socialista" de Zapatero anunciou que reformará a atual lei sobre estrangeiros e já aprovou um anteprojeto endurecendo as medidas atuais. Nesta reforma, castiga-se com multas de até 30 mil euros *"quem promova a permanência irregular em Espanha de um estrangeiro"*. Assim se criminaliza quem tenha em suas casas imigrantes "sem papéis", em situação irregular. A perseguição realiza-se como "caça aos imigrantes". A polícia de Madri cumpre semanalmente quotas de captura de imigrantes sem papéis e chega a intimidar os que se aproximam de seus consulados ou de colégios para recolher seus filhos. Há denúncias de invasão de domicílios. Os maus tratos nos centros de internamento, onde os imigrantes permanecem detidos até sua expulsão, já viraram rotina.

Na França, o governo Sarkozy, promotor das medidas antiimigrantes na Europa, introduziu medidas "integradoras" para os imigrantes, como o ensino da Marselhesa, o hino nacional da França, e a obrigação de conhecer o francês. No entanto, nos últimos quatro meses foram suprimidos três mil postos de trabalho de professores de apoio para os alunos com dificuldades.

O governo britânico, a raiz da greve de Lindsay Oil, exigiu das instituições da UE que a regulação dos trabalhadores deslocados dos países se modifique em benefício dos trabalhadores locais. Isto facilitará ainda mais a discriminação contra os trabalhadores imigrantes.

O Presidente francês Nicolas Sarkozy

SAÚDE E EDUCAÇÃO

Os mesmos governos que entregam dinheiro aos bancos e empresas anunciam cortes orçamentários para reduzir despesas do Estado. Assim, a educação e a previdência públicas são sucateadas. As famílias de trabalhadores imigrantes não têm outra escolha do que se dirigir ao serviço público. Os governos europeus, fazendo eco a ultradireita, usam o "excesso" de imigrantes que procuram a rede pública como desculpa do sucateamento. Assim, escondem as verdadeiras causas: os cortes de verbas e a privatização.

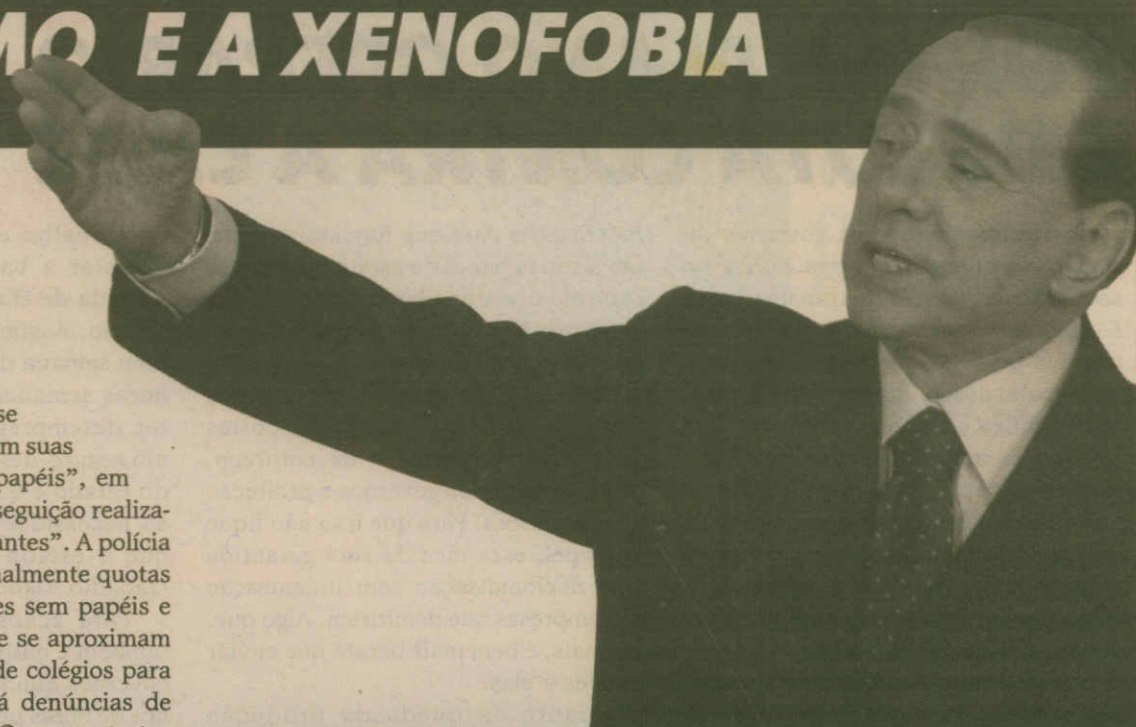
BUROCRACIAS SINDICAIS CONTRA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

Na Espanha, a CC.OO. e UGT aceitam que se discriminem os trabalhadores imigrantes que não tenham permissão de residência de longa duração. O racismo e xenofobia acabam penetrando entre os operários através de argumentos como *"os imigrantes aceitam salários e condições de trabalho inferiores às dos trabalhadores nacionais"*. Como se os imigrantes o aceitassem por gosto e tivessem possibilidades de escolher! Os governos são os responsáveis por fomentar legislações de estrangeira que produzem, de fato, cidadãos de segunda categoria. Mas as burocracias sindicais ajudam que o racismo e a xenofobia se estendam entre os trabalhadores ao apoiar as medidas discriminatórias. Este papel criminoso facilita que as organizações fascistas e seus discursos possam ganhar peso entre os trabalhadores.

PERIGO DE QUE CRESÇAM OS BANDOS FASCISTAS

As organizações fascistas adotaram na Europa o eixo de "a expulsão dos imigrantes". Suas mensagens dizendo que os imigrantes lhes tiram o trabalho dos trabalhadores nacionais estão calando com muita facilidade em meio a crise econômica. Partidos fascistas, como o BNP britânico, começam a se estabelecer no setor mais atrasado dos trabalhadores ingleses. Por volta de 14% dos jovens espanhóis opinam que votariam em partidos racistas caso aumente a imigração. Na Itália, o perigo esta no mesmo governo que facilita a formação das patrulhas de rua.

É NECESSÁRIO RECUPERAR A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

Para enfrentar as perdas de postos de trabalho, a carestia da vida e a defesa das conquistas e serviços públicos de qualidade, os trabalhadores europeus terão que enfrentar a xenofobia que os governos e as burocracias sindicais estão fomentando. Os problemas dos trabalhadores são os mesmos, independente de seus países. A divisão e as tentativas de culpar o setor mais débil e mais exposto às conseqüências da crise só servem para que os governos apliquem seus planos pró-patronais, destruam os serviços públicos, e para fortalecer as organizações e discursos fascistas.

A LIT-QI avalia que esta é uma batalha que não pode ser adiada. A luta unitária da classe operária fornece excelentes mostras nos últimos tempos. Na Grécia, os trabalhadores imigrantes eram parte das mobilizações de dezembro. Em grande parte da Europa, assistimos como milhares de trabalhadores desfilaram junto aos imigrantes de origem árabe contra a agressão à Faixa de Gaza por Israel. Na luta dos trabalhadores da limpeza do Metrô de Madri, onde grande parte dos trabalhadores é formada por imigrantes, foram conquistadas vitórias graças à unidade de todos os trabalhadores, independentemente da quem o contratava ou de sua nacionalidade. É fundamental dar uma batalha no terreno sindical: toda discriminação para os imigrantes fomentada pela burocracia sindical deve ser denunciada como uma traição ao conjunto da classe operária.

A CRISE SOCIAL VAI EXPLODIR NO LESTE EUROPEU?

RECENTES PREVISÕES diziam que os países da Leste Europeu estavam mais bem posicionados para enfrentar a crise econômica mundial do que os da Europa Ocidental. Mas a realidade mostra que os países do Leste estão sendo fortemente afetados e que o impacto é muito maior.

No início dos anos 90, nesses países foram derrubados os estados operários e o capitalismo foi restaurado. Eslováquia e Eslovênia hoje integram a zona do euro. Alguns países, como República Checa, Hungria e Letônia, fazem parte da União Europeia. Outros, como Ucrânia e Rússia, ficaram fora da UE.

Além dessas diferenças, a restauração se deu pela mão de grandes investimentos dos países da Europa Ocidental. Segundo a revista britânica The Economist, *"os bancos da Europa Ocidental têm até 1,5 bilhão de euros investidos na Europa Central e Oriental"*.

A maioria desses países hoje são semicolônias das potências europeias. Seus sistemas financeiros e as principais empresas industriais são filiais ou subsidiárias das companhias ocidentais, que aproveitam os menores custos trabalhistas e a alta qualificação de sua mão-de-obra.

Seria absolutamente impossível que esses países ficassem imunes à crise (ou com menos consequências). Agora, são afetados com muita dureza. Os governos e as empresas ocidentais ajudam, em primeiro lugar, as matrizes das empresas, contra as filiais no Leste Europeu.

Os governos do Leste acusam o centralismo da UE de "exportar" a crise de suas empresas e seus bancos para as economias da região e de praticar um fechado protecionismo. Por exemplo, a França está concedendo empréstimos e subsídios a seus fabricantes de automóveis (6 milhões de euros), mas sob a condição de que as empresas mantenham o emprego na França e que não levem parte de sua produção para República Checa, Eslováquia e Romênia, países onde a Peugeot-Citroën e a Renault têm fabricas de montagem de automóveis (Agência Efe, 24/2/2009).

"ARGENTINA NO DANÚBIO"

Os sistemas financeiros dos países do Leste Europeu estão derretendo aceleradamente, sem que seus governos tenham recursos nem capacidade para sustentá-los, como na Europa Ocidental. Países como a Letônia já estão numa situação de quebra. Na Ucrânia, a produção industrial está em queda livre, a inflação ascendeu a 22,3% (a mais alta da Europa) em 2008 e os investimentos estrangeiros desapareceram. Na Rússia, que tentava conquistar um espaço de potência regional, a produção caiu 6% em novembro. No mês seguinte, caiu 8%, e o retrocesso acumulado da produção nos últimos seis meses chega a 35,5%.

Para analisar a crise no Leste Europeu, a revista The Economist publicou um artigo cujo título é "Argentina no Danúbio", uma clara referência à aguda crise que viveu esse país da América Latina no final de 2001. A revista afirma:

"A crise mostra que, 20 anos após a queda do Muro de Berlim e cinco anos após a ampliação da UE ao Leste, o único recurso desses países é clamar pela solidariedade das potências europeias e chamar o FMI. (...) Esses países não têm meios para levantar seus gigantes econômicos, bancários e automotivos, como estão fazendo as grandes potências europeias. (...). As moedas do Leste Europeu perdem valor e, como muitos cidadãos e empresas tinham se endividado em euros e francos suíços, agora se veem impossibilitados de devolver seus empréstimos. Desde o verão, o zloty polonês tem caído com respeito ao euro 48 %, o forint húngaro 30% e a coroa checa 21%. [...] O problema para a UE é que a queda dos bancos do Leste arrasaria também os do Oeste, muito expostos nos mercados polonês, húngaro, checo, romeno e dos países bálticos. Ao todo, a banca da Europa Ocidental tem até 1,5 bilhão de euros investidos na Europa Central e Oriental. Só a Áustria, o mais exposto, tem uns 220 milhões de euros, o equivalente a três quartos de seu PIB".

RESPOSTAS DOS TRABALHADORES

Essa situação tem tido vários efeitos. Por um lado, debilita os governos pró-ocidentais (como a queda do governo da Letônia), ao mesmo tempo em que os obriga a descarregar duros ataques contra os trabalhadores pela via da inflação que gera as desvalorizações, a redução de conquistas e um acelerado aumento do desemprego. Por outro lado, gera também o que a imprensa descreveu como *"algumas das maiores mobilizações e greves dos últimos 20 anos"* (Agência Reuters, 3/2/2009). Vejamos algumas delas:

HUNGRIA

Uma greve dos trabalhadores da empresa estatal, lançada pelo Sindicato Livre dos Trabalhadores Ferroviários (VDSZSZ), paralisou no dia 15 de fevereiro o transporte ferroviário reivindicando um aumento salarial de 10% e um bônus de mil euros para cada empregado. Os sindicatos da Companhia de Transporte Urbano de Budapeste (BKV) realizaram no dia 17 de fevereiro uma greve de meio dia para exigir a estabilidade financeira da empresa. A essa convocação somaram-se novamente os trabalhadores ferroviários e os principais sindicatos do país, transformando o movimento numa greve geral contra o plano de privatização da segurança social e as pensões mais baixas propostas pelo governo do Partido Socialista Húngaro (Agências EP/AP, 17/2/09).

"GREVE": Trabalhadores de transporte urbano param ferrovia em Budapeste, na Hungria

LETÔNIA

Uma série de mobilizações de agricultores protestando contra a diminuição de seus rendimentos provocou a renúncia do ministro da agricultura (Agência Reuters, 3/2/09). Este ano ocorreram grandes mobilizações de desocupados.

Fazendeiros bloqueiam estrada próxima a Riga, na Letônia.

POLÔNIA

Durante a segunda metade de 2008, uma onda de greves e protestos tomou todo o país, como resposta à alta de preços e à perda do poder aquisitivo dos trabalhadores. Manifestações reuniram milhares de pessoas em diversas cidades. Em julho, dezenas de milhares de trabalhadores dos estaleiros do Mar do Norte protestaram contra sua privatização. Os mineiros (outro importante setor da classe operária polonesa), bem como os trabalhadores de empresas estrangeiras como Michelin e Fagor, e também outros setores como eletricidade e automóvel também se mobilizaram. As manifestações têm sido as maiores desde os anos 80 e 90.

REPÚBLICA CHECA

Em meados do ano passado, foi realizada uma importante greve geral, convocada pela Confederação Checo-Morava de Uniões Sindicais e a Associação de Sindicatos Independentes, em protesto contra as reformas econômicas e sociais do governo do premiê Mirek Topolánek. Estima-se que um milhão de grevistas aderiram, com forte impacto no transporte.

UCRÂNIA

Em fevereiro, diante da paralisação de sua produção, os operários da empresa de maquinarias agrícolas XMZ tomaram a fábrica e exigiram do governo sua nacionalização sob o controle dos trabalhadores. Há poucos dias, o presidente do Fórum Nacional de Sindicatos da Ucrânia (FNSU), Miroslav Yakibchuk, advertiu às autoridades sobre a possível greve geral incontrolada no país: *"A sociedade ucraniana está à beira do surgimento de um movimento de greve incontrolável que poderia trazer consequências imprevisíveis para o estado [...] tais ações ameaçam causar um levante coletivo e violento contra a autoridade [...] o pessoal de mais de mil empresas está disposto a empreender ações radicais"*. Yakibchuk reconheceu que, apesar da intenção de ser "um instrumento de diálogo" com o governo, os sindicatos *"poderiam se ver impotentes diante da agressividade das pessoas desiludidas, milhares das quais ficam diariamente sem emprego e meios de subsistência"* (Agência Novosti, 24/2/09).

Tal como assinala a The Economist, a situação do Leste Europeu é explosiva. A comparação com a Argentina de 2001 aprofunda-se mais se percebemos que na Letônia, Lituânia e Bulgária ocorrem violentas manifestações de desempregados. Na década de 1990, na Argentina, esteve na moda a frase de uma canção que agora parafraseamos: chegará a explosão?

ESTATIZAR É A ÚNICA FORMA DO BRASIL RETOMAR A EMBRAER

JOÃO RICARDO SOARES,
da direção nacional do PSTU

A demissão de 4.270 trabalhadores da Embraer, além de expressar o drama do desemprego que atinge a classe trabalhadora, reflete também o funcionamento do capitalismo, em que as principais decisões sobre o destino do país são tomadas pelo capital financeiro internacional.

Alguns dirão que existe uma crise na economia mundial e por isso as demissões são inevitáveis. Mas os cortes não são inevitáveis. Eles sintetizam um sistema dominado pelos interesses das potências imperialistas, em que não existe soberania do país para decidir seu destino. Essas demissões e o futuro da Embraer resultam de uma escolha sobre o que faremos com nossos recursos naturais, tecnológicos e humanos.

A opção é simples. Ou colocamos os recursos a serviço da população ou trabalhamos para que os banqueiros de Wall Street sigam lucrando à custa do suor e do desemprego da classe operária.

A Embraer foi uma empresa estatal construída com o esforço de todo o povo, com dinheiro do Estado, ou seja, dos impostos pagos pela maioria. Ela lidera o mercado de jatos de pequeno e médio porte, atrás somente de grandes empresas como a Boeing – de capital norte-americano – e a Airbus – um consórcio europeu.

A Embraer foi privatizada em 1994. Na verdade, foi doada ao capital multinacional por R$ 154,1 milhões. Hoje, seu valor pode ultrapassar os R$ 15 bilhões.

Como podemos observar no gráfico, 51,7% do controle acionário da Embraer pertence aos fundos de investimentos internacionais. E os 10,4% do grupo Bozano deixaram de ser "nacionais", pois foram incorporados pelo Santander, banco espanhol.

Além disso, parte das ações negociadas na Bovespa é de propriedade estrangeira. Assim, cerca de 60% da Embraer está em mãos de fundos especulativos internacionais. Quem manda é o capital financeiro internacional. Por isso, 97% da produção é exportada.

Esse quadro acionário está contra as próprias regras da privatização, que limitavam em 40% o controle estrangeiro. Além disso, em 2006, houve uma mudança importante na composição acionária: o consórcio europeu se retirou. Detinha 20% das ações, adquiridas por fundos especulativos dos EUA (Janus, Oppenheimer e Thornburg). A empresa argumentou que isso daria acesso ao mercado internacional. O governo Lula, que detém uma ação com poder de veto (Golden Share), poderia ter vetado a operação, mas não o fez.

Na busca pelo lucro fácil, a Embraer privatizada especializou-se em jatos regionais (com até 100 lugares) e para executivos. No entanto, quando estatal, produziu 50% da frota da Força Aérea Brasileira. Assim, surgem os primeiros dilemas sobre a empresa. O que produzir? Para quem?

Produzir para as necessidades da população ou priorizar o mercado mundial e lucrar em dólar? Muitos dirão que no Brasil falta mercado para aviões. Foi um argumento para privatizar. Mas, após esses anos, o que a realidade demonstrou?

De 1997 até 2008, o BNDES desembolsou US$ 8,39 bilhões para que a Embraer colocasse seus aviões no mercado internacional, quase três vezes o lucro da empresa no período. O mercado internacional comprou os aviões financiados pelo Estado brasileiro. Qual a razão para que esse financiamento não tenha sido usado para ampliar a frota de aviões do país? Não há obstáculo econômico. Estamos diante de um problema político.

A privatização foi uma decisão política do governo Itamar Franco, mantida por Lula. Como resultado, o BNDES, com dinheiro do Estado e até do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), financia aviões para executivos de multinacionais. A Embraer tem lucro e o envia aos fundos de investimentos norte-americanos. Os trabalhadores constroem os aviões, o Estado financia, mas o lucro vai para banqueiros de Nova York. Que, quando querem ganhar mais, demitem em massa!

Os argumentos para a privatização foram mentirosos, pois a Embraer continuou dependendo de dinheiro público para financiar a venda de aviões.

Ato pela Reestatização da Embraer na Câmara de São José dos Campos (SP)

PARA QUEM PRODUZIR?

Existe a possibilidade de romper esse ciclo perverso? Sim, com a reestatização da Embraer. Esse processo pode destinar o dinheiro público não para Nova York, mas para um projeto de fortalecimento da aviação nacional. Estamos em um país continental e a necessidade de deslocar pessoas e mercadorias é real. Se o BNDES até agora financiou jatos para executivos de empresas, por que não pode financiar aviões para que a população brasileira viaje mais e a preços mais baixos?

Um projeto de fortalecimento da empresa implicaria em nacionalizar toda a produção, pois 95% das peças usadas na montagem do avião são importadas ou produzidas por multinacionais instaladas fora ou dentro do Brasil. O BNDES, para financiar a Embraer, exigiu uma contrapartida de nacionalização da fabricação. A Embraer combinou então com grandes multinacionais para se instalarem no Brasil, especialmente em São José dos Campos, garantindo essa "nacionalização". As fornecedoras da Embraer com capital nacional produzem peças com pouco valor agregado.

Fonte: site Embraer

Se todo o ciclo de produção estivesse concentrado no Brasil, seria um impulso ao desenvolvimento tecnológico que não ficaria restrito à produção de aviões. Ampliaríamos a pesquisa e a quantidade de técnicos e engenheiros e necessariamente distribuiríamos esse conhecimento a outros ramos da indústria. Isso seria apostar no desenvolvimento tecnológico e gerar mais empregos diretos e indiretos, desde a produção do avião até os serviços de aviação.

As duas maiores empresas do mundo, Boeing e Airbus, foram projetos bancados pelos EUA e pela Europa. Foram decisões políticas, na medida em que a aviação é um setor industrial e militar estratégico.

Quem são os mais interessados em que a Embraer produza para o mercado interno? Os trabalhadores e a população pobre, que poderiam pagar passagens bem mais baratas. E que teriam mais e melhores empregos. Mas quem é contra? Todos os que lucram com a falta de independência e soberania do país. Os sanguessugas, "testas de ferro" do capital internacional, que ficam com as migalhas dos lucros e enviam a maior parte ao exterior.

Lula diz que ficaria na "torcida" pela reintegração dos trabalhadores. A verdade é outra. Ele já entrou em campo, mas não está jogando no time dos trabalhadores. Se estivesse do lado de cá, a primeira medida seria a reestatização. Lula não está disposto a enfrentar o capital internacional e por isso mantém o país atrelado aos interesses das empresas e bancos norte-americanos.

As demissões da Embraer demonstram que não se pode ter emprego e uma vida melhor se o país seguir controlado por bancos e empresas de países imperialistas. Por trás do drama humano, há anos e anos para formar técnicos e operários qualificados. Dinheiro público investido na formação dessas pessoas para que seu destino seja decidido em Nova York. Os operários da Embraer sintetizam o drama de todo um país, e nossa resposta deve ser a luta pela reestatização.